

Memorial de experiências no ensino fundamental: uma contribuição para novas práticas pedagógicas

Isabela Rodrigues

1

Introdução

Escrever sobre a própria trajetória nos anos iniciais do ensino fundamental nos permite deixar registrado um tempo histórico de nossa própria vida escolar. Desse modo, é possível resgatar na memória quem nós éramos quando criança e quais eram as nossas maiores dificuldades como alunos do ensino fundamental, pois os pedagogos de hoje outrora foram alunos da educação básica e atualmente o seu papel dentro da escola só mudou de posição.

Este trabalho é importante para a formação do professor crítico e reflexivo sobre a sua prática pedagógica, pois resgatar a trajetória escolar no ensino fundamental faz com que o docente se coloque no papel de estudante para analisar as suas maiores facilidades e dificuldades na época supracitada.

Ao se colocar no papel de estudante, o professor tem a possibilidade de refletir e criticar a sua própria ação pedagógica, levando em consideração as necessidades dos alunos e questionando a melhor forma de trabalhar o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, neste trabalho foi realizado um estudo comparado das práticas pedagógicas trabalhadas pelas professoras na época lembrada e as experiências que foram observadas nos estágios vivenciados no decorrer do curso de graduação em pedagogia na estimada Universidade Federal do Pará.

A missão de um professor é complexa e intrigante tanto na teoria como na prática, uma vez que a ação pedagógica do docente sempre deve estar atrelada com as teorias e concepções educativas estudadas no proceder de sua formação, que de certa forma influenciam na sua prática durante o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Nesta senda, é importante elencar que os estágios realizados nos cursos de formação de professores se constituem além de atividades meramente práticas. Para Pimenta e Lima (2006), os estágios se constituem como atividades de pesquisas, pois em seu decorrer o profissional necessita ter conhecimento e preparo teórico/científico para realizar o seu trabalho com êxito, a partir do estudo, da pesquisa e criação de novas formas de trabalho.

É no estágio que o formando da docência observa as práticas institucionais, refletindo, criticando e investigando por meio da fundamentação teórica estudada durante a sua formação, algo que perdurará na sua atuação como docente formado. O estágio como pesquisa constrói um professor pesquisador, crítico e reflexivo em relação a sua prática pedagógica.

Pimenta e Lima (2006) fazem uma crítica aos docentes que baseiam unicamente as suas propostas pedagógicas em reprodução de práticas tradicionalmente consagradas como eficientes. As autoras explicam que essa forma de trabalho acaba por

limitar o processo de ensino-aprendizagem e, por sua vez, faz com que os professores não valorizem a sua formação intelectual, pois não fundamentam teoricamente a sua prática pedagógica e não possuem uma ponderação crítica em relação a sua observação e vivência na escola.

Dessa forma, as concepções internalizadas pelos formandos da docência é o que os formam professores críticos, reflexivos e atuantes na área educativa. De acordo com Freire (1996) não existe teoria sem a prática, tampouco podemos melhorar a prática sem a teoria. Nessa mesma perspectiva, Libâneo (2002) nos mostra a importância da apropriação e produção de teorias como marco para a melhoria das práticas de ensino e dos seus resultados.

[...] o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre. (PIMENTA, LIMA, p. 12, §34)

De acordo com Freire (1996), na educação não existe neutralidade e cada professor tem a missão de criar, pesquisar e organizar novas formas de ensino para trabalhar da melhor forma possível as especificidades de sua turma.

Neste sentido, objetivou-se com este trabalho resgatar as lembranças quando estu-

dante do ensino fundamental, de modo que fosse possível analisar essas vivências a partir do conhecimento crítico aprendido no ensino superior.

Desta forma, este trabalho se torna uma importante ferramenta para estudos complementares de construção de conhecimento que buscam influenciar as atitudes de professores e professoras do ensino fundamental e da educação básica como um todo, visto que vivemos em constante transformação e devemos nos reinventar a partir dessas transformações, para que o processo de ensino-aprendizagem prospere êxito e se efetive no tempo e espaço das nossas escolas.

Primeira memória resgatada: a importância do respeito ao tempo de aprender dos educandos

Desde a educação infantil era notório o medo de ir à escola, algo que perdurou até os primeiros anos do ensino fundamental. Contudo, o medo foi construído por causa da minha falta de habilidade em realizar perfeitamente as demandas solicitadas pelas professoras, às vezes era o número 7 mal feito e que parecia mais com o número 1. Na verdade, aquele era o número sete, pois era o que eu conseguia fazer a partir das minhas capacidades.

Mas porque estou iniciando com essa memória? Justamente pelo simples fato de o meu “eu” criança não ter conseguido suprir as expectativas da professora que me

auxiliava. Ela costuma dizer que aquele número não era o 7, mas era o número 1 com um traço no meio. Dizia ela: “Você tem que fazer corretamente”.

A grande questão não era dizer que eu tinha que escrever corretamente, mas era a forma que ela se expressava, com cobrança, autoritarismo e imposição. O tom de sua voz era alto e ela gritava em cada tentativa frustrada, aquilo foi gerando dentro de mim um medo pela professora, um sentimento de incapacidade de minha parte e uma insegurança em relação à escola.

Essa memória é importante pelo fato de entender que, por mais que tenhamos um cronograma planejado de aprendizagem, cada criança tem o seu tempo de aprender e suas formas de responder o que está sendo proposto pela professora.

A tentativa de impor algo para o aluno sem ao menos respeitar e reconhecer o seu processo fica explícito numa sociedade de cobranças e norteadas por princípios neoliberais, seja por notas altas nas provas, seja por uma perfeição utópica que os próprios seres humanos criaram, uma vez que é colocado que as crianças devem aprender tudo o que está previsto, porém esse tempo quase não é o tempo das suas capacidades, sendo apenas o tempo de um ano letivo (MAINARDES, 2015).

Ao observar as aulas de professores do ensino fundamental em alguns estágios realizados a partir da minha inserção na Universidade Federal do Pará, foi possível

notar vários tipos de práticas e vários tipos de perspectivas de ensino. Optou-se por destacar uma em especial, de modo a relacionar com a lembrança resgatada acima.

Ao ser inserida como estagiária numa turma de 1º ano do ensino fundamental, foi possível atentar para algumas considerações: a turma estava em processo de alfabetização (decodificação do código alfabético) e alguns alunos não conseguiam decodificar as letras cursivas. É importante atentar que, o que parece ser algo fácil para um adulto, pode não ser fácil para uma criança que está em processo de alfabetização.

O perfil desta turma era de crianças com aproximadamente 5 e 6 anos de idade, que vieram da educação infantil com um breve conhecimento acerca do código alfabético e, principalmente, reconhecimento de letras de imprensa. A professora passava conteúdo no quadro utilizando letras cursivas, porém foi possível perceber que a maioria dos alunos não tinham, ainda, passado por uma transição das letras de imprensa para as letras cursivas.

Para as crianças, olhar o quadro e visualizar as palavras ali escritas era algo ainda sem sentido. Diferente da minha falta de habilidade em fazer o número 7 no papel, o meu “eu” criança dava sentido ao número, embora não conseguisse demonstrá-lo corretamente para o papel.

Em relação às crianças desta turma de 1º ano do ensino fundamental, elas olha-

vam para a palavra e: algumas conseguiam reproduzi-las para o papel, porém não davam sentido para o que estavam escrevendo; outras olhavam para o quadro, mas além de não reconhecerem as letras, também não conseguiam reproduzi-las para o papel. Assim, a professora não conseguia atender as necessidades de aprendizagem da turma toda, as crianças ficavam o proceder da aula tentando reproduzir do quadro palavras e letras que para elas não tinham sentido.

Como o estágio foi de observação e com poucos dias de duração, não foi possível realizar projetos de intervenções na escola. Contudo, teve-se a possibilidade de trabalhar com alguns cadernos de caligrafia para que as crianças pudessem praticar a escrita e, também, passar a se familiarizar com as variadas formas de letras.

Por isso, a importância de levar em consideração o conhecimento prévio da criança, trabalhar em cima do que ela realmente sabe para que comece a aprender o que verdadeiramente não sabe. Cada aluno possui a capacidade de aprender, cabe ao professor analisar, perceber e construir formas de aprendizado de acordo com as necessidades e capacidades do alunado.

Segunda Memória Resgatada: de um estudante do ensino fundamental para um formando da docência.

Ao fazer um estudo comparado lembrando algumas experiências educativas realizadas na época que fui aluna do ensino

fundamental e alguns estágios e relatos de experiência que obtive no curso de licenciatura em pedagogia, foi possível perceber que hodiernamente muito se tem mudado no cotidiano da escola, entretanto, com algumas demonstrações de resistência por parte de professores em desenvolver novas práticas pedagógicas.

Primeiramente quero ressaltar o cômodo em relação aos livros didáticos e as suas atividades pré-estabelecidas. Algo que despertou atenção no período de 6 meses que prestei estágio numa escola pública no município de Belém/PA. Além disso, é importante destacar que o estágio foi realizado após o período pandêmico da covid-19, em turmas do ensino fundamental dos anos iniciais.

O estágio foi realizado em turmas do ensino fundamental, a escola estava trabalhando em organização de escala para não apresentar aglomeração nas salas devido a pandemia. Por isso, no decorrer do estágio oportunizou-se observar aulas, professores e turmas distintas.

Algo que pôde ser observado foi a constante utilização dos livros didáticos, reprodução do que estava escrito no quadro e atividades impressas. Pouco ouvia-se uma discussão, dúvidas e possibilidades de haver um diálogo entre a turma e a professora. Normalmente as aulas eram desenvolvidas a partir da escolha de uma página do livro em que os alunos tinham que realizar as atividades pré-estabelecidas.

Na época na qual cursei o 2º ano do ensino fundamental, recordo-me que eram desenvolvidas atividades exaustivas de livros didáticos, muitas vezes sem a própria explicação da professora, tínhamos que resolver as questões a partir dos textos explicativos dos livros. Algo muito comum nas escolas é a utilização desse método, porém, o ensino-aprendizagem vai além dos livros e dos exercícios. É importante que se tenha planejamento, diálogos, utilização de variados instrumentos para que de fato os alunos internalizem o que se propõem no currículo escolar.

Para Vigotsky (1989), o processo de ensino-aprendizagem é composto por fases: interação, mediação e internalização do conhecimento científico previsto no currículo. A primeira é a interação aluno e professor, pois um precisa do outro para que o ensino-aprendizagem de fato aconteça; a segunda é a mediação, na qual o professor vai pensar em vários instrumentos e colocar em prática para mediar o conhecimento científico aos alunos; a terceira é a internalização — momento em que o aluno já absorveu o conteúdo e passa utilizá-lo na sua prática social.

Neste contexto, faz-se imprescindível elencar que os livros didáticos pré-elaborados auxiliam na organização dos conteúdos que os professores devem ministrar, mas cabe a cada docente criar outras formas para melhor desenvolver o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos. O livro didático se perfaz como um instrumento al-

ternativo, porém não se torna o único, a sua utilização corriqueira se apresentou para mim (quando criança) e para as crianças da escola como algo exaustivo, desestimulante e desinteressante.

Outro ponto importante que deve ser destacado refere-se ao conformismo das escolas em relação aos modelos tradicionais de ensino. Pimenta e Lima (2006) discutem que as escolas se resumem ao ensino, cabendo a responsabilidade ao aluno de aprender ou não o conteúdo previsto, porém é importante compreender que a aprendizagem deve prosseguir em concomitância com o ensino e ambos devem fazer parte do mesmo processo.

No cerne dessa afirmativa pode-se perceber que, embora a realidade familiar e social do aluno também contribua para o proceder do processo de ensino-aprendizagem, o conformismo do modelo de imitação de práticas tradicionalmente construídas limita a criatividade do docente em construir mecanismo de ensino de acordo com as influências sociais vividas pelos educandos.

Embora as situações externas às escolas influenciam no desempenho escolar do aluno, faz-se necessário pensar e construir por meio de fundamentação teórica novas formas de realizar a prática docente e não colocar previamente toda a responsabilidade no aluno ou na situação social vivenciada pelo mesmo.

Destarte, algo memorável de se ressaltar durante a minha passagem pelo en-

sino fundamental, como aluna, se refere ao 4^a ano. Nesse período, foram desenvolvidas atividades interessantes que despertaram o interesse pelo estudo e pesquisas de referidas temáticas.

O ano era 2009, escola pública, municipal e localizada no município de Bragança/PA. Na época a turma tinha duas professoras que trabalhavam por disciplinas, mas que constantemente se juntavam de forma interdisciplinar para realizar várias atividades, as professoras não utilizavam somente a sala de aula, mas também se apropriaram de todo o espaço da escola, como a quadra, o pátio e a biblioteca.

Neste trabalho destacarei duas atividades promovidas por essas professoras, o mercado e a feira de ciências.

Na atividade do mercado tivemos que montar nossas barracas e especificar alguns produtos para comercializar, delimitar preços e compostos químicos. A turma foi dividida em grupos de comerciantes e fregueses. Trabalhamos com porcentagem, as operações de soma e subtração, saúde alimentar e também o gênero textual anúncio publicitário, uma vez que os grupos dos comerciantes tinham que influenciar os grupos dos fregueses a comprarem os produtos que estavam à venda.

Outra atividade promovida pelas professoras foi a feira de ciências na qual tínhamos que falar temas específicos da saúde do corpo, da importância de ter hábitos de higiene e fazer demonstrações com objetos

visuais.

O trabalho foi dividido por grupos, no qual fiquei com o grupo que deveria pesquisar sobre os malefícios causados pelo uso do cigarro. O grupo foi formado por 4 alunos, e juntamente com a professora pensamos em mostrar as mazelas da utilização do cigarro por meio de uma carne bovina estragada e outra própria para a alimentação.

Além disso, nos reunimos para fazer um folder manual que explicava detalhadamente as causas do vício, o que nos permitiu desenvolver a criatividade, pesquisar sobre o tema, entender a gravidade do tabagismo e conscientizar as pessoas sobre os seus malefícios. O trabalho foi desenvolvido no pátio da escola e se tornou tão interessante que fomos convidados para apresentarmos em outras escolas da região.

Essa escola ficou marcada na memória e não somente pelo trabalho das professoras, mas também pela organização e realização de projetos culturais que envolviam a participação dos alunos, dos pais e da comunidade.

Na escola onde desenvolvi o estágio de 6 meses pouco observei a articulação entre os professores e o compartilhamento de ideias, talvez pelo fato de não arriscar a interação e aglomeração das crianças, justamente por causa do período pandêmico da covid-19.

Todavia, uma atividade pensada por uma professora do 1^o ano despertou a atenção das crianças e a compreensão no que con-

cerne à decodificação do alfabeto. A atividade foi a criação de um jogo intitulado de “Trilha do Alfabeto”. As crianças tiveram que jogar o dado e pular entre as casas para poder identificar a letra e ressaltar nomes de algo que iniciasse com ela.

A partir da ideia da professora, foi possível montar o jogo pela plataforma virtual “Canva”, apresentada em oficina na disciplina de estágio do ensino fundamental I, incluída no curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará. A partir disso, algumas professoras da escola passaram a utilizar a ferramenta para elaborar atividades e criar jogos educativos, de modo a desenvolver um ensino diferenciado por meio de outros instrumentos.

Considerações Finais

A partir deste memorial pode-se refletir acerca do que realmente devemos almejar para as nossas crianças e alunos da educação básica, que elas realmente internalizem o conteúdo e o utilizem na sua prática social, tornando-se conhecedores, pesquisadores e construtores de conhecimentos, e que realmente sejam contempladas pelo processo de ensino-aprendizagem (interação, mediação e internalização), tanto defendido por Vigotsky (1989).

Nessa perspectiva, não devemos aceitar que nossos alunos fiquem somente com os conteúdos dados como passados alcançando o tempo de um ano letivo, com notas e conceitos de provas que, às vezes, não de-

monstram plenamente o seu desempenho e aprendizagem processual.

O que se almeja é que o conhecimento seja reflexo do cotidiano na vida do estudante, que ele saiba usar a matemática na sua prática social, mentalizando contas no momento das compras, entendendo que a matemática está na estrutura da sua casa, está na tecnologia, está na sua vida.

Pretende-se que os alunos saibam distinguir os gêneros textuais na sociedade, que saibam conhecer e explicar o seu espaço geográfico, a sua história e a sua cultura. Que conheçam as particularidades do mundo, saibam discutir e dialogar, saibam que é impossível saber de tudo, e que podemos conseguir aprender um pouco de tudo.

O papel da escola é entregar à sociedade o conhecimento científico organizado no currículo, cabendo ao professor criar da melhor forma possível mecanismos de ensino que faça com que os alunos aprendam. Não basta apenas passar o conteúdo que está no currículo, para que de fato o aluno aprenda é necessário que o professor seja analítico, reflexivo, pesquisador e crítico.

A missão do professor na profissão docente é buscar o êxito do processo de ensino-aprendizagem e para isso é necessário que organize formas de ensino em que os educandos apresentem a sua compreensão sobre o conteúdo curricular.

Uma educação que não causa medo por meio do autoritarismo, na qual professor e aluno trabalham juntos para a realização da

aprendizagem, para a produção e construção do conhecimento.

A educação não é imposição de conteúdo, transferência de conhecimento e o professor não é o único detentor da sabedoria, pois todos somos sujeitos repletos de historicidade e cultura, seres inconclusos e em constante aprendizado.

Entender isso é de suma importância para que os educadores passem a levar em conta a rigorosidade ética da profissão e adotar um papel constante de pesquisador, de modo que busque construir novas maneiras de realizar o processo de ensino-aprendizagem, causando, assim, a reflexão e a prática transformadora.

Referências

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclo ou séries? O que muda quando se altera a forma de organizar os tempos-espacos da escola?* In: *Anais da 27ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu (MG) de 21 a 24 de novembro de 2004*.

LIB NEIO, José Carlos. *Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro* In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINARDES, JEFFERSON. *A Organiza-*

ção da Escolaridade em Ciclos: implicações para a gestão educacional e escolar. Revista Pedagógica, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência: diferentes concepções*. Revista Poiesis, 2005/2006.

VIGOTSKY, LEW S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins, 1989.